

# A SENSACÃO DE SEGURANÇA PÚBLICA NO SETOR BUENO DO MUNICÍPIO DE GOIÂNIA-GO

## THE SENSATION OF PUBLIC SECURITY IN SETOR BUENO GOIÂNIA-GO

Cassio César Andrade Nascimento\*  
Leon Denis Da Costa\*\*

### RESUMO

O objetivo deste artigo consiste em avaliar a sensação de segurança pública dos moradores ou residentes do Setor Bueno no município de Goiânia-Go. Trata-se de uma pesquisa de abordagem quantitativa com a aplicação de um questionário estruturado com perguntas fechadas que contou com a participação de 105 moradores. Os resultados da pesquisa revelam que os respondentes têm uma percepção significativa de insegurança no bairro onde moram, indicando que têm medo de assaltos, assassinatos, estupros, roubos e outros tipos de violência que atentem contra sua integridade física e psicológica, apontando ainda que sentem alívio quando se deparam ou percebem as forças de segurança agindo nas proximidades de suas casas e do comércio local.

Palavras-chave: Criminalidade. Goiânia. Insegurança. Medo. Setor Bueno.

### ABSTRACT

The objective of this work is, therefore, to evaluate the feeling of public security of the residents of Setor Bueno, in the municipality of Goiânia. This is quantitative research using a structured questionnaire with closed questions that included the participation of 105 residents of the sector. The results of the work are that the respondents have a significant perception of insecurity in the neighborhood where they live, indicating that they are afraid of assaults, murders, rapes, robberies, and other types of violence that threaten their physical and psychological integrity, also pointing out that they feel relief when they encounter or perceive security forces acting close to their homes and local businesses.

Keywords: Crime. Goiania. Insecurity. Fear. Bueno Sector.

## 1 INTRODUÇÃO

Pesquisas tratando da sensação ou sentimento de segurança no âmbito de diferentes populações têm se tornado frequente nos últimos anos, bem como a forma como os diferentes órgãos de segurança pública agem ou atuam, seja preventiva ou repressivamente. O que se

---

\* Aluno do Curso de formação de praças(CFP), Turma Charlie, 4ª. Companhia do Comando da Academia da Polícia Militar de Goiás (CAPM). E-mail: cassiocesar.an@gmail.com.

\*\* Professor Orientador. Tenente-Coronel PMGO. Professor Titular da Especialização em Polícia e Segurança Pública do Comando da Academia de Polícia Militar de Goiás. Especialista em Gerenciamento de Segurança Pública e Mestre em Sociologia. e-mail: leondenis1978@gmail.com.

tem destacado nessas pesquisas é que a forma como as forças de segurança adotam em suas operações de combate à criminalidade é variável quanto à localidade, região ou setor, levando também a uma variação da percepção da população sobre a segurança pública (Pinange, 2022).

Pesquisas com levantamentos de campo são indispensáveis para o entendimento de como determinada população percebe o trabalho realizado pelos órgãos de segurança pública e, também, para coletar dados que apontem caminhos para melhorias dos serviços que são prestados. Dentre as temáticas favorecidas com esse tipo de abordagem está a da sensação de segurança que, neste estudo, foca os moradores do Setor Bueno da cidade de Goiânia, Estado de Goiás, região considerada “nobre” e com características peculiares (Oliveira; Peixoto, 2009).

O tema discutido neste trabalho é, certamente, de reconhecida relevância no que concerne à prestação de serviços de segurança pública de qualidade, pois através de pesquisas de campo, instituições como a PM passam a ter subsídios para planejar suas ações. Nessa dinâmica, a sociedade é o foco principal que, agindo proativamente com críticas, opiniões e sugestões, aponta para os órgãos públicos como devem moldar sua política de segurança para que seja eficaz, promovendo ainda a aproximação indispensável entre comunidade e polícia (Rodrigues; Oliveira, 2012).

A Secretaria de Segurança Pública do Estado de Goiás (SSP-GO), tendo em vista a importância do assunto da sensação de segurança por parte dos cidadãos que contam com a efetividade de seus serviços, trata o tema como objeto de estudo em seu Plano Estratégico, cujo escopo é avaliar, por meio do percentual de pessoas pesquisadas, o quanto se sentem seguras no Estado de Goiás e, para tanto, desenvolve instrumentos e meios de aferição dessa sensação de segurança (GOIÁS, 2022).

A aferição das ações de segurança pública acontece, normalmente, com base nos registros de crimes e nas taxas de criminalidade apontadas pela PM. Entretanto, o sentimento de insegurança ou medo do crime é um fenômeno que deve ser levado em consideração, o que só é praticável ou realizável a partir das percepções subjetivas das pessoas no que diz respeito à condição ou situação de segurança em um dado local e, também, em determinadas circunstâncias (Ferraro; Lagrange, 1987).

A questão norteadora deste estudo assenta-se, diante do exposto, no questionamento: qual a percepção da sensação de segurança pública entre os moradores do Setor Bueno, na cidade de Goiânia, Estado de Goiás?

O objetivo geral do trabalho consiste, por sua vez, em avaliar a sensação de segurança

dos moradores ou residentes Setor Bueno, na cidade Goiânia, Estado de Goiás, tendo como objetivos específicos:

- 1) Identificar circunstâncias, fatores, horários e locais tidos como fonte de insegurança ou medo;
- 2) Mapear os fatores que podem influenciar nas percepções das pessoas sobre a segurança (iluminação pública, infraestrutura, interação com vizinhos, presença policial, vizinhança, dentre outros);
- 3) Analisar as diferentes experiências de vitimização e percepções de segurança no que diz respeito às variáveis demográficas (escolarização, faixa etária, gênero, etc.).

O trabalho está organizado em seis partes: introdução, revisão de literatura, metodologia, resultados e discussão, considerações finais, referências citadas ao longo do estudo e, por fim, apêndices.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 MEDO DO CRIME E O SENTIMENTO DE INSEGURANÇA**

O estado emocional frente a um perigo real ou abstrato caracteriza o que se convencionou chamar de “medo do crime”, que tem relação com experiências vividas em um passado distante ou recente. Para Ferraro & Lagrange (1987), trata-se de um alarme, emoção ou sentimento cuja causa é a sensação de um perigo iminente, ou seja, uma percepção de risco que, por sua vez, tem relação direta com o “medo” ou o “juízo” da pessoa entre as taxas de criminalidade e a possibilidade de se tornar uma vítima.

Frattari (2013) explica que a relação do medo com a percepção de risco é proporcional, tornando a percepção de risco uma componente significativa de predição de um possível crime e, também, dos esforços que são envidados ou predispostos na autoproteção em função, conseqüentemente, da percepção do crime.

O “medo” do crime é, segundo Borges (2001), um fenômeno político social que impacta no cotidiano de inúmeras pessoas, notadamente daquelas que vivem nos grandes centros ou cidades devido às suas características locais que contribuem para a potencialização da insegurança de suas populações. O autor faz referências a uma extensa gama de avaliações emocionais e subjetivas quando se está frente a uma situação de perigo, independentemente de ser real ou imaginário, sendo definido por crenças que se amalgamaram ao longo de

experiências culturais e sociais.

O medo pode ser entendido também, segundo Silva & Beato Filho (2013), como uma percepção subjetiva do ambiente em que está um indivíduo que não se reduz, entretanto, a uma probabilidade real dele ser ou não vítima de um crime. Para os autores, ele se revela através de comportamentos específicos que denotam restrições conscientes sobre o que se julga ser “perigo” ou “risco”.

Para Frattari (2013), em concordância com o esboçado por Silva, Beato Filho & Roché (1993, 1994), o medo pode ser definido como uma construção social em que existe um temor maior relacionado com o que se percebe como perigo, não tendo então relação alguma com os riscos mais frequentes, o que pode ser observado com relativa facilidade no comportamento de um bom número de pessoas que expressam seu “medo” tomando cuidados rotineiros para se evitar, desse modo, a possibilidade de vitimização.

Porto (2009) argumenta que, mesmo que as taxas de criminalidade tenham relação com os crimes, não é correto considerá-las como causas principais do aumento de insegurança, pois há outros elementos que colaboram nessa dinâmica como conhecimento de vítimas na região, desconfiança das autoridades incumbidas da segurança pública, isolamento social, morar em uma área ou região com elevados índices de criminalidade e violência, vitimização direta de algum tipo de crime, vulnerabilidades socioeconômicas, dentre outros.

Ao tratar das causas do sentimento de insegurança, Roché (1995 *apud* Frattari, 2013) aponta como um dos mais preponderantes o enfraquecimento estatal e, conseqüentemente, de sua capacidade de punir a criminalidade, o que facilita o cometimento de transgressões que, por sua vez, ocasionam problemas que perturbam a ordem social podendo, inclusive, desenvolver formas estruturantes de ação e pensamento em parcelas significativas da população.

Para Porto (2009), a ideia de que a violência está aumentando ou crescendo dia após dia faz com que inúmeras pessoas passem a clamar por segurança pública devido à pontencialização da sensação do medo. Para o autor, segurança pública é entendida, majoritariamente, como o conjunto de ações, intervenções e medidas estatais que levam à diminuição do elevado grau de violência que levará a sociedade, por sua vez, a melhorar seus padrões de convivência.

Devido a tantas investigações em que o tema “sentimento de insegurança” tem sido alvo, uma de suas conceituações mais consensuais entre os pesquisadores é a de que é caracterizado por uma variedade de componentes. Warr (1984) trata dessa questão afirmando que a expressão “medo do crime” adquiriu significados tão divergentes que está em perigo de

perder sua especificidade.

O fenômeno da (in)segurança compreende, segundo Kuhn & Agra (2010 *apud* Guedes, 2012) duas dimensões: a insegurança objetiva e a insegurança subjetiva. A primeira, que se situa no plano da fatualidade do mundo exterior, engloba o crime, a vitimação e os comportamentos desviantes em geral, contextualizados pelo social. Já a segunda se refere, segundo a autora, à ressonância subjetiva e intersubjetiva, em indivíduos e comunidades, da dimensão objetiva. A insegurança subjetiva se apresenta, por sua vez, sob três grandes configurações: medo e preocupação com o crime e, também, o sentimento de insegurança.

Estudos contemplando as dimensões da insegurança subjetiva são realizados desde os anos 1970 e, segundo Frattari (2013), é quase um consenso a indicação de que existe uma dimensão afetiva e outra dimensão cognitiva do medo. A componente afetiva é apontada como a reação emocional negativa que irrompe frente a ideia de ser vítima de diferentes condutas delituosas ou violentas, bem como diante de símbolos que lhe são associadas no cotidiano. Já a dimensão cognitiva, de acordo com a autora, refere-se à percepção do risco de vitimização, ou seja, trata-se da antecipação da possibilidade de se ser vitimado.

Foi Fustenberg (1971 *apud* Amerio & Roccató, 2007) quem primeiramente procurou desconstruir o conceito de sentimento de insegurança, afirmando a existência de duas reações psicológicas diante do crime: o medo e a preocupação. Se o primeiro, também denominado de medo concreto, refere-se a uma sensação de agitação ou ansiedade com a segurança (não apenas experienciado no momento do perigo real, mas também como uma reação ao perigo potencial), a preocupação é mais um estado de agitação em relação aos atos criminais no local ou lugar em que se vive.

A preocupação também é denominada de “medo abstrato” que, de acordo com Amerio & Roccató (2007), remete ao perigo potencial ou evento ainda por acontecer. Assim, a frequência da inquietação com o medo pessoal do crime é moldada por uma avaliação da ameaça que engloba percepções de consequência, controle e probabilidade. Por sua vez, continuam os autores, as inferências sobre o risco de vitimação são moldadas por crenças sobre a incidência do crime, sendo e ambas um produto da interpretação tanto do ambiente físico quanto do social.

O sentimento de insegurança não é, de acordo com Guedes (2012), um conceito único e unitário, mas sim complexo e é resultado de uma interação de atitudes e sentimentos. Essa multiplicidade de significados reflete o fato de o sentimento de insegurança ser um conceito comumente utilizado na linguagem diária que, esse motivo, torna indispensável redefini-lo frequentemente para propósitos de investigação, sob pena de diferentes definições de medo

levarem a conclusões divergentes nas pesquisas.

### 3 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada por meio de uma abordagem quantitativa, com a aplicação de um questionário estruturado com perguntas fechadas (Apêndice A), cujas respostas são gradativas como procedimentos e/ou recursos utilizados no desenvolvimento do estudo para coletar dados numéricos de forma objetiva sobre a percepção das pessoas em relação a sensação de segurança pública.

O questionário utilizado foi elaborado a partir do modelo de pesquisa de *Survey*, de acordo com Fowler Júnior (2011), um tipo de investigação quantitativa definida como uma forma de coletar dados e informações a partir de características e opiniões de grupos de indivíduos. O resultado encontrado, desde que o grupo seja representativo da população, pode ser extrapolado para todo o universo em estudo.

O método de pesquisa de *Survey* é comumente utilizado em um projeto de pesquisa de levantamento que, de acordo com Mineiro (2020), apresenta uma descrição de abordagem numérica ou quantitativa de atitudes, opiniões ou tendências de uma população e, a partir dos resultados da amostra, fazem-se generalizações ou afirmações. Além disso, continua a autora, levantamentos podem ser específicos e de âmbito global ou limitado em seus objetivos, sendo que análise dos dados apurados deve compreender correlações, desvios-padrão, margens de erros, médias, moda e percentagens.

O questionário aplicado abrange questões sobre fatores sociodemográficos, experiências de vitimização, medo do crime e percepção da sensação de segurança pública em relação aos serviços das instituições e órgãos de segurança goianos. O questionário foi formulado numa plataforma digital (*online*) e aplicado junto aos moradores do bairro por meio de aplicativos de mensagens instantâneas, mídias sociais diversas e por meio de divulgação de cartazes com o *QR code* em estabelecimentos abertos ao público.

Foi realizado ainda o levantamento de dados e informações sociodemográficas dos participantes. Esse tipo de procedimento em pesquisas de levantamento se caracteriza, de acordo com Gil (2002), pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para, em seguida, mediante análise quantitativa, chegar-se as conclusões correspondentes aos dados coletados.

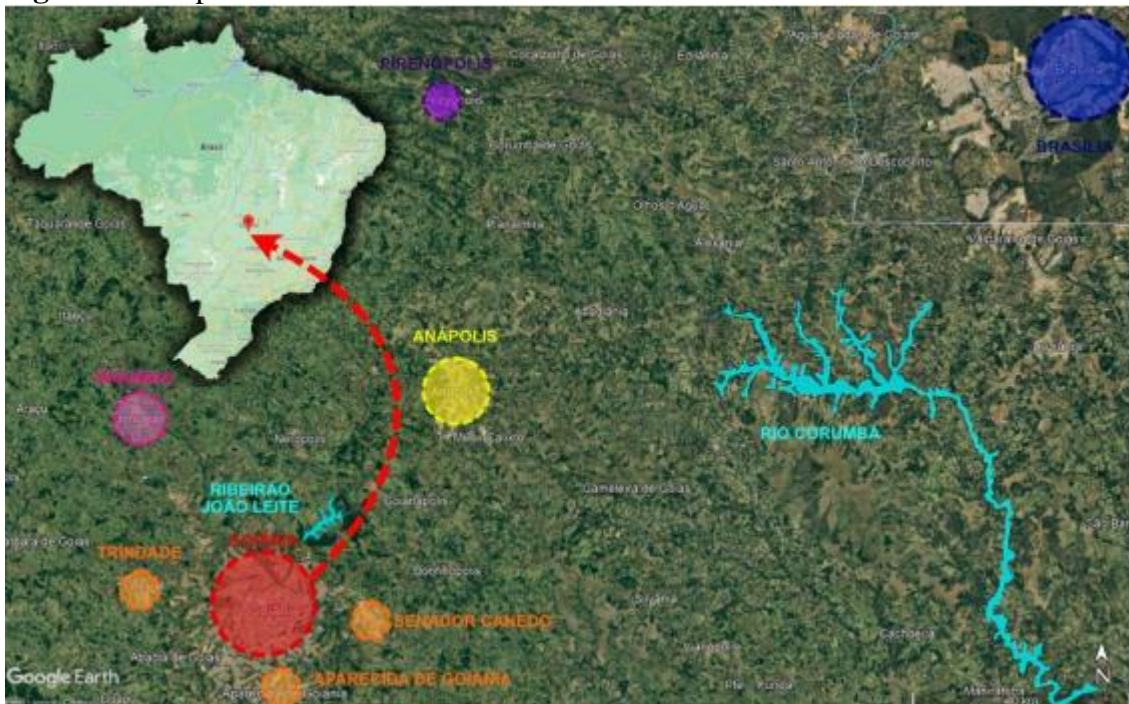
A amostra foi selecionada de maneira aleatória e independente, de modo a não interferir nos resultados da pesquisa. Após a coleta dos dados e das informações, as respostas foram compiladas e tratadas por meio de estatísticas descritivas a fim de se chegar ao percentual maior de respostas entre as opções contidas nas perguntas e, também, por estatísticas de correlação de variáveis demográficas.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO SETOR BUENO, GOIÂNIA-GO

O Setor Bueno é um dos bairros mais tradicionais de Goiânia, capital do Estado de Goiás. Nascimento e Oliveira (2015) informam que está situado entre 661 a 1.037 metros de altitude acima do nível mar, sendo suas coordenadas geográficas de latitudes de  $16^{\circ}27'12''$  e  $16^{\circ}49'52''$  e as de longitudes  $49^{\circ}4'38''$  e  $48^{\circ}26'48''$  (Figura 1).

**Figura 1** – Mapa de Goiânia e seu entorno.



Fonte: Pinange (2022, p. 27).

O início do setor data do ano de 1937 que, segundo Ferreira Júnior (2007), acontece por meio do então superintendente geral de obras de Goiânia, Jerônimo Coimbra Bueno, ao acrescentar em seu relatório entregue ao diretor geral fazendário a inclusão de um loteamento na cidade, iniciando-se então o processo de parcelamento e comercialização da terra, com o setor sendo criado três anos mais tarde, ou seja, em 1940.

Oliveira & Peixoto (2009) esclarecem que o Setor Bueno é tido como o ápice do processo de verticalização da cidade de Goiânia, que se iniciou com base no processo de transformação da Avenida T-63 em eixo de comércio e serviços no final da década de 1970, mais precisamente em 1979, cujo desenho de urbanização era resultado de um planejamento com ruas estreitas e lotes de 15x30 m, com foco em famílias unifamiliares. Os autores

enfatizam que, entretanto, o resultado ao longo dos anos foi o oposto do planejado, com as edificações habitacionais construídas no local de grande porte.

A área aproximada do setor é, de acordo com Pinange (2022), de 4,17 km<sup>2</sup>, sendo um de seus pontos mais conhecidos o Parque Vaca Brava, que incorpora o Lago Vaca Brava. Em seu entorno estão os setores Bela Vista, Coimbra, Marista e Oeste, os bairros Jardim América, Nova Suíça e Serrinha e, também, as vilas Boa Sorte e Sta. Efigênia. O Bosque dos Buritis e o Parque Lago das Rosas estão em suas proximidades que, segundo a autora, têm cada um lago que compõe sua paisagem e vegetação.

#### 4.2 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Os respondentes da pesquisa *on-line* totalizaram 105 participantes (n = 105), caracterizados nas questões 1 a 14 do questionário quanto ao sexo, idade, escolaridade, tempo que mora no Setor Bueno, número de moradores na mesma residência, tipo de residência, dentre outros dados e informações pertinentes para as análises qualitativas e quantitativas do estudo.

Em relação ao sexo, houve participação homens e mulheres, sendo então 55,33% feminino e o restante de 46,67% masculino, observando-se uma superioridade de mulheres respondentes em relação aos homens. Quanto à idade, participaram respondentes com idades entre 16 anos e mais de 60 anos, sendo que 9,0% declararam ter entre 16 e 21, outros 51,0% indicaram ter entre 22 a 30 anos, enquanto 24,0% apontaram 31 a 50 anos, 12,0% disseram 51 a 60 anos, com o restante de 4,0% afirmando Mais de 60 anos. Nota-se que prevaleceram respondentes na faixa etária entre 16 e 50 anos de idade, ou seja, 84,0%.

Os participantes informaram também sobre sua escolarização, sendo que 2,86% apontaram Ensino fundamental completo, 11,43% Ensino médio completo, 58,10% Ensino superior completo e, por fim, 23,81% Ensino superior incompleto. A opção Ensino fundamental incompleto não foi selecionada pelos respondentes, evidenciando-se que a maioria tem Ensino superior completo.

Acerca do tempo que moram no bairro, as respostas dos participantes demonstram que 7,62% moram Até um ano, outros 26,67% De 1 a 3 anos e, por fim, os outros 65,71% declararam Mais de 3 anos, uma indicação clara de que os respondentes moram já um bom tempo no Setor Bueno, conhecendo e participando de suas dinâmicas, evolução e progresso.

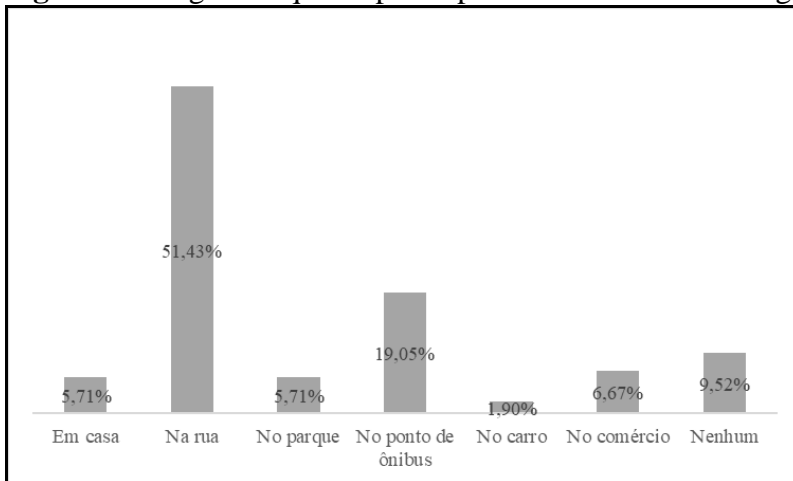
O número de pessoas que dividem ou moram na mesma casa ou residência foi informado também pelos participantes, sendo que 42,86% disseram Com 2 pessoas, outros

42,86% apontaram Com 3 a 5 pessoas, enquanto 14,29% indicaram Com mais de 5 pessoas. Essas informações levam a inferência de que o total de pessoas que moram em uma mesma residência no Setor Bueno, segundo os respondentes, oscila entre três e mais de cinco pessoas.

Quanto à informação sobre o tipo de residência, apurou-se que 16,19% disseram Casa térrea, outros 80,95% apontaram Apartamento, enquanto 1,90% indicaram Quitinete/casa geminada e, por fim, 0,95% afirmaram Condomínio fechado, confirmando-se que a maioria dos respondentes mora em apartamentos, confirmando-se o dado de que o Setor Bueno tem como uma de suas principais características a verticalização de suas moradias.

Ao opinarem sobre o lugar em que se sentem mais seguros, 5,71% dos respondentes disseram em casa, 51,43% indicaram na rua, 5,71% apontaram no parque, 19,05% informaram no ponto de ônibus, 1,90% selecionaram No carro, 6,67% opinaram no comércio e os outros 9,52% restante falaram nenhum (Figura 2).

**Figura 2** – Lugar em que os participantes se sentem mais seguros (n = 105).



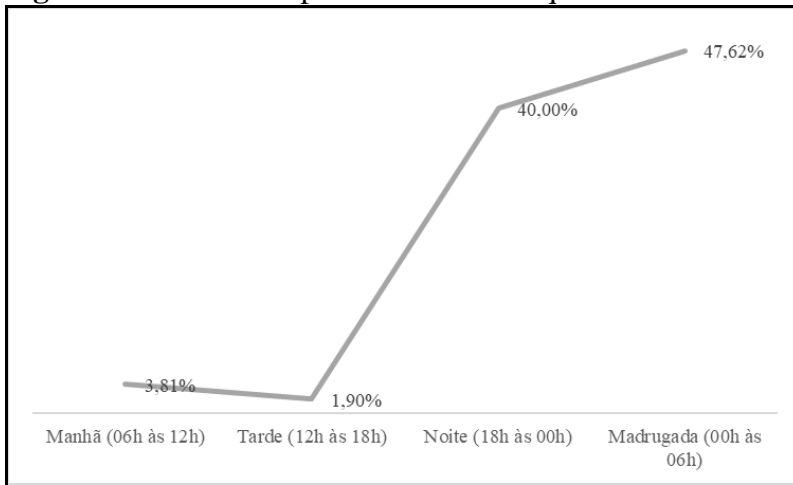
Fonte: Elaborado pelo autor.

Pelo exposto na Figura 2 fica evidente que o lugar em que a maioria dos participantes avaliam estar em segurança é em casa, possivelmente pelo tipo de moradia em que residem, apartamento, e os aparatos de segurança que são disponibilizados para essa opção e residência, o que está de acordo com diversas pesquisas que averiguam a variação territorial do fenômeno que, de acordo com Mello (2016), apontam que o sentimento de segurança tem correlação com a familiaridade com o espaço, hipótese que compõe a teoria das áreas concêntricas.

As respostas para a questão que tratou do horário ou período do dia em que sentem mais medo de ocorrência de crimes no Setor Bueno, 3,81% dos respondentes disseram Manhã (06h00 às 12h00), 1,90% indicaram tarde (12h00 às 18h00), 40,00% indicaram Noite (18h00

à 00h00) e 47,62%, por fim, informaram Madrugada (00h00 às 06h00) (Figura 3).

**Figura 3** – Horário ou período do dia em que sente mais medo de crime no bairro (n = 105).

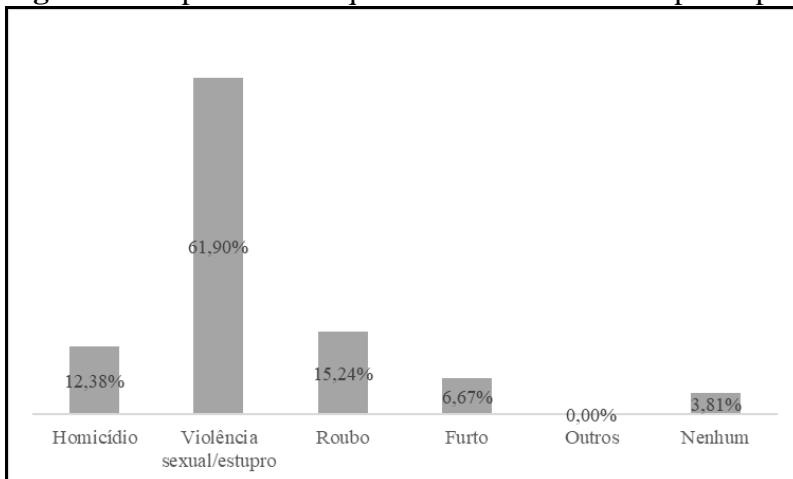


Fonte: Elaborado pelo autor.

Observa-se na Figura 3 que os horários da noite e da madrugada correspondem, segundo os respondentes, ao período em que sentem mais medo frente à possibilidade de ocorrência de crimes, o que coaduna com o resultado de várias pesquisas sobre o assunto que, conforme Melo e Rodrigues (2018), apontam como possível explicação a hipótese de que a visibilidade, na noite ou na madrugada, é menor devido a iluminação deficiente e, também, a circulação de pessoas nesses horários em contraste com o que acontece à luz do dia.

Os participantes informaram, ainda, o tipo de crime que mais têm medo, sendo que 12,38% indicaram Homicídio, 61,90% apontaram Violência sexual/estupro, 15,24% disseram Roubo, 6,67% opinaram Furto e os 3,81% responderam Nenhum (Figura 4).

**Figura 4** – Tipo de crime que causa mais medo nos participantes (n = 105).



Fonte: Elaborado pelo autor.

Visualiza-se na Figura 4 que o tipo de crime mais temido pelos respondentes é o de

Violência sexual/estupro, demonstrando-se com isso a insegurança da comunidade local quanto aos crimes de violência contra a mulher, dado que está em conformidade com as pesquisas mais recentes discutidas por Engel (2020) que apontam que dentre as agressões mais frequentes praticadas contra mulheres, o estupro ou violência sexual é um os mais recorrentes no Brasil.

Na questão que tratou do tipo de crime que os respondentes foram vítimas no último ano, 8,57% disseram Roubo, 6,67% disseram Furto, 4,76% responderam: Outros e, por fim, 80,00% informaram: Nenhum. As opções Tentativa de homicídio e Violência sexual não foram selecionadas. Frente ao exposto, fica claro que a maioria dos participantes não passou pela experiência de vítima de algum crime mais comum em uma grande cidade, talvez um indicativo de que as ações de segurança privada ou pública estejam surtindo algum efeito mais positivo no Setor Bueno.

Os respondentes informaram também sobre “se algum vizinho ou familiar foi vítima de crime no último ano”, sendo que 23,81% responderam Não, 28,57% disseram Sim e, por fim, 47,62% informam Não sabe, um indicativo claro de que há, possivelmente, uma maioria entre os participantes que ignora, em larga medida, a situação da criminalidade no Setor Bueno.

Os respondentes informaram ainda sobre a participação ou não em alguma associação ou grupo de vizinhos, sendo 23,81% disseram Sim, 69,52% responderam Não e os outros 6,67% informaram Não sabe responder, ficando claro que a maioria dos participantes não participa de associação ou grupo de moradores ou vizinhos, dando a entender que não têm muito contato com o restante dos moradores.

Na questão que tratou das formas ou maneiras como tomam conhecimento da “ocorrência de crimes e atos de violência”, 26,71% dos respondentes disseram Televisão, 23,81% apontaram Internet, 36,19% responderam Redes sociais, 8,57% indicaram Conversando com pessoas do bairro e, por fim, 5,71% selecionaram Nenhum, sendo que a opção Jornal impresso não foi lembrada. Assim, prevalece como meio de informação os três principais veículos relacionados com a tecnologia – internet, redes sociais e televisão –, indicando-se ainda o abandono de um dos meios de comunicação mais tradicionais, o jornal.

#### 4.2 DADOS DA SENSACÃO DE SEGURANÇA NO SETOR BUENO

As análises qualitativas da sensação de segurança no Setor Bueno são realizadas a partir dos dados coletados na Questão 15 do questionário *on-line*, cuja pergunta geral foi

subdividida em diferentes questionamentos com opção de respostas escalonada do tipo *likert* e os valores percentuais apurados após o tratamento dos dados quantitativos (Quadro 1).

**Quadro 1** – Análises qualitativas da sensação de segurança no Setor Bueno.

Sobre você se sentir seguro, leia as afirmativas e escolha a alternativa.	A. Sinto seguro de andar pelas ruas durante o dia.				
	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
	4,76%	43,81%	13,33%	8,57%	29,52%
	B. Sinto seguro de andar pelas ruas durante a noite.				
	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
	14,29%	26,67%	9,52%	39,05%	42,86%
	C. Sinto seguro quando vejo viatura da polícia militar passar na rua de casa.				
	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
	3,81%	4,76%	9,52%	32,38%	49,52%
	D. Sinto seguro quando vejo policiais militares em pé parados ao lado de viaturas.				
	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
	2,86%	5,71%	8,57%	36,19%	46,67%
	E. Sinto seguro quando vejo a Polícia Militar fazendo blitz de trânsito.				
	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
	3,81%	2,86%	17,14%	32,38%	43,81%
	F. Sinto seguro quando vejo a Polícia Militar abordando (revistas) pessoas e veículos.				
	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
	2,86%	5,71%	9,52%	39,05%	42,86%
	G. Sinto seguro quando vejo a Polícia Militar abordando (parando e revistando/buscas) pessoas e veículos.				
Discordo totalmente	Discordo totalmente	Discordo totalmente	Discordo totalmente	Discordo totalmente	
0,95%	0,95%	0,95%	0,95%	0,95%	
H. Sinto seguro quando eu vejo muitas viaturas passando uma atrás da outra em comboio pelas ruas.					
Discordo totalmente	Discordo totalmente	Discordo totalmente	Discordo totalmente	Discordo totalmente	
2,86%	2,86%	2,86%	2,86%	2,86%	
I. Sinto seguro quando vejo viaturas da ROTAM, CPE, BOPE, GIRO, CHOQUE passando nas ruas.					
Discordo totalmente	Discordo totalmente	Discordo totalmente	Discordo totalmente	Discordo totalmente	
3,81%	3,81%	3,81%	3,81%	3,81%	

Continua.

**Quadro 1** – Análises qualitativas da sensação de segurança no Setor Bueno (Continuação).

J. Sinto seguro quando vejo as viaturas do corpo de bombeiros militares em serviço nas ruas				
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
1,90%	6,67%	17,14%	32,43%	42,86%
K. Sinto seguro quando presencio o corpo de bombeiros em atendimento de socorro ou emergência.				
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
3,81%	5,71%	13,33%	30,48%	46,67%
L. Sinto seguro quando vejo as viaturas da polícia civil nas ruas.				
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
3,81%	4,76%	11,43%	41,90%	30,10%
M. Sinto seguro quando anuncia que policiais civis fazendo investigações de criminosos no meu bairro/cidade.				
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
3,81%	4,76	16,19%	34,29%	40,95%
N. Sinto seguro quando vejo ações policiais nos presídios.				
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
6,67%	3,81%	19,05%	37,14%	33,33%
O. Sinto seguro quando vejo viaturas da Guarda Municipal nas ruas, nos parques e praças.				
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
0,95%	4,76%	13,33%	40,95%	40,00%
P. Sinto seguro quando passo por câmeras de monitoramento.				
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
3,81%	4,76%	22,86%	34,29%	34,29%
Q. Sinto seguro quando vejo notícias (na TV e redes sociais) de prisões e operações das forças de segurança pública no combate à criminalidade.				
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
1,90%	5,71%	11,43%	35,24%	45,71%
R. Sinto seguro quando estou sendo atendido pelos órgãos de segurança do Estado de Goiás.				
Discordo totalmente	Discordo totalmente	Discordo totalmente	Discordo totalmente	Discordo totalmente
2,86%	2,86%	2,86%	2,86%	2,86%
S. Sinto Seguro no Estado de Goiás.				
Discordo totalmente	Discordo totalmente	Discordo totalmente	Discordo totalmente	Discordo totalmente
3,81%	3,81%	3,81%	3,81%	3,81%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Várias pesquisas têm apontado que a estratégia mais utilizada na promoção da segurança é a saturação de diferentes áreas urbanas com a presença de policiais. Para Bennett (1991), embora seja uma ação bem-sucedida, essa estratégia tem algumas limitações de

espaço e tempo, não podendo ser empreendida em todos os bairros de uma grande cidade e tampouco pode ser aplicada por muito tempo, sendo as áreas mais prósperas ou ricas a receberem, normalmente, esse tipo de policiamento. Para o autor, trata-se de uma estratégia excludente que, certamente, reforça a questão das desigualdades sociais.

Goldstein (1990) pontua que, dentre as iniciativas das instituições e órgãos públicos de segurança mais exitosas na redução do “medo”, estão as que implementaram a presença física de policiais e, também, focaram o envolvimento maior da polícia na “vida” das comunidades. São iniciativas que, segundo o autor, incluem o acompanhamento de vítimas, apresentação de relatórios para os cidadãos dos bairros, instalação de postos policiais, policiamento a pé e realização de visitas às casas dos moradores da comunidade.

Para Davis & Henderson (2003), as polícias detêm um papel essencial na redução do “medo” independentemente da estratégia de policiamento adotada, sendo salutar à população local perceber a diminuição da frequência de alguns crimes, o que leva à sensação de que não está indefesa ou sozinha frente a ação de criminosos, reforçando-se então os laços de solidariedade e os mecanismos de coesão social. Entretanto, é incontornável para as forças policiais conquistarem a confiança dos cidadãos, o que é essencial para que estejam dispostos a cooperar com as investigações e, ainda, contribuir com os programas comunitários.

O número de pesquisas focadas nas relações de confiança entre polícia e população é ainda reduzido no Brasil, não obstante esses poucos estudos apontam para a prevalência de uma visão um tanto negativa da população sobre as forças policiais que, segundo Oliveira Júnior & Alencar (2015), faz com que a polícia não seja chamada em muitas situações em que há cometimento de vários tipos de crimes. Os autores chegaram a essa conclusão após analisarem os dados de uma amostra nacional sobre o tema, chamando a atenção para o fato de que a avaliação foi positiva quando a polícia foi chamada.

A aferição do trabalho policial, em suma, tem complexidades que dificultam sua aferição, com destaque para a necessidade de se diferenciar a confiança nas instituições policiais com os serviços que efetivamente prestados. Assim, é possível verificar a confiança na polícia enquanto instituição e coexistir, por sua vez, a insatisfação com os serviços que está executando. Soma-se a isso a questão de que podem existir percepções distintas em relação à qualidade da atuação policial entre os que já precisaram dela e aqueles que não tiveram, ainda, contato algum.

### 4.3 SENTIMENTO DE INSEGURANÇA E MEDO DO CRIME

O “sentimento de insegurança e medo do crime” dos respondentes do Setor Bueno foram avaliados a partir dos dados obtidos com a Questão 16 que, da mesma forma da Questão 15, contém uma pergunta geral subdividida em diferentes questionamentos com opção de respostas escalonada do tipo *likert* e os valores percentuais apurados após o tratamento dos dados quantitativos (Quadro 2).

**Quadro 2** – Análises qualitativas do sentimento de insegurança e medo do crime no Setor Bueno.

A . Sinto medo/ inseguro quando vejo ou passo perto de pessoas usando drogas nas ruas/local público.				
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
1,90%	5,71%	4,76%	27,62%	60,00%
B. Sinto medo/ inseguro de pessoas estranhas ao bairro andando pelas ruas.				
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
3,81%	7,62%	13,33%	38,10%	37,14%
C. Sinto medo/ inseguro de ver ou passar perto de pessoas embriagadas nas ruas.				
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
1,90%	7,62%	11,43%	36,19%	42,86%
D. Sinto medo/ inseguro de passar em ruas que não tem iluminação ou mal iluminadas.				
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
1,90%	4,76%	4,76%	23,81%	64,76%
E. Sinto medo/ inseguro de ruas com lotes com mato alto.				
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
1,90%	4,76%	3,81%	25,71%	63,81%
F. Sinto medo/inseguro de passar perto de pessoas com som alto (em veículos) nas ruas.				
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
11,43%	19,05%	14,29%	27,62%	27,62%
G. Sinto medo/inseguro de ruas e casas abandonadas ou com pichações e sinais de abandono.				
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
1,90%	7,62%	5,71%	39,05%	45,71%
H. Sinto medo/insegurança de passar por bares e distribuidora de bebidas com pessoas na porta.				
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
5,71%	11,43%	20,00%	29,52%	33,33%

Continua.

**Quadro 2** – Análises qualitativas do sentimento de insegurança e medo do crime no Setor Bueno (Continuação).

I. Sinto medo/inseguro quando passo por ruas com entulhos, lixo e sujas.				
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
6,67%	7,62%	13,33%	35,24%	37,14%
J. Sinto medo/ inseguro quando vejo homens passando de motos.				
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
2,86%	6,67%	8,57%	35,24%	46,67%
K. Sinto medo/inseguro quando vejo carros parados na rua de casa com pessoas/homens dentro do veículo.				
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
1,90%	5,71%	10,48%	36,19%	45,71%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Trabalhos como os de Villareal & Silva (2006), chamados de “estudos ecológicos”, têm testado a relação existente entre as variáveis estruturais (eficácia coletiva sobre o crime “em si” e os laços sociais, por exemplo), avaliando em que medida os diferentes aspectos de organização e sociodemográficos dos bairros das grandes cidades podem explicar as oscilações nas taxas de crimes que não devem ser atribuídas, por sua vez, às características demográficas dos moradores desses bairros.

A redução nas taxas de crime em uma vizinhança específica traduziria, segundo Sampson (2002), o resultado de um localidade em que seus moradores compartilham de valores comuns e agem da mesma de forma semelhante para controlar as atividades da comunidade, com destaque para as avaliadas como criminosas ou ilícitas. Esse controle informal no âmbito da vizinhança, lembra o autor, é exercido com mais eficiência se existir confiança, integração e respeito entre os residentes, o que leva à ideia de eficácia coletiva.

Ferraro & Lagrange (1987) chamam a atenção para os estudos que tratam da sensação de segurança e suas limitações em apontar sua relação com variáveis sociodemográficas, tendo-se como exemplo a questão de que as mulheres têm mais medo ou, ainda, que a percepção de “medo” aumenta com o avanço da idade. Os autores enfatizam, entretanto, que existe uma grande controvérsia entre os especialistas no que diz respeito às formas de aferição do “medo”, o que nada mais é do que a ausência de consenso mínimo para o significado desse sentimento provocado pelo cometimento de crimes.

Para Frattari (2013), os trabalhos que dão ênfase aos fatores contextuais, como comunidade ou vizinhança, na explicação do “medo do crime” estão assumindo que, sobretudo, os aspectos estruturais (altas taxas de criminalidade nos bairros, baixo grau de integração social, incivilidade física ou social, etc.) levam ao aumento dos níveis de “medo”

entre os moradores de determinadas áreas urbanas, dando a entender que ele nada mais é que a percepção do ambiente.

Ao tratar da questão ainda no final dos anos 1970, Sluckin (1979 *apud* Warr, 2000) argumentou que o “medo” não é percepção do ambiente simplesmente, ou seja, a consciência ou experiência com base em um estímulo sensorial, mas sim uma reação da pessoa ao ambiente percebido. Mesmo que ele seja resultante de uma avaliação da informação ou operação cognitiva, não pode ser confundido com uma simples avaliação, atitude ou crença. Para o autor, ele é uma emoção, um pavor ou sentimento de alarme que tem como causa mais direta a consciência ou a expectativa de um perigo.

O efeito contextual das vizinhanças, segundo Garofalo & Laub (1978), tem evidências significativas de importância em relação ao “medo do crime”, bem como sobre o crime “em si”, assumindo um papel preponderante antes mesmo de ser uma consequência natural de um “crime”, pois diminui a confiança mútua e a interação entre os moradores, reduzindo a qualidade de vida comunidade ou da vizinhança.

O “medo do crime” faz com que as pessoas evitem determinadas ruas ou lugares públicos. Para Skogan & Maxfiel (1981), tem-se no “medo do crime” um fenômeno social provoca a redução dos contatos interpessoais e, até mesmo, faz com que moradores se mudem de seus bairros, causando efeitos negativos consideráveis na economia da comunidade, pois a oferta de empregos e serviços são direcionados para outras localidades avaliadas como mais seguras.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho explicita que o “medo” tem a ver com um estado emocional frente a um perigo, abstrato ou real, baseando-se em experiências vividas no passado recente ou remoto, sendo então uma emoção ou sentimento resultante da percepção de um perigo. O “medo do crime”, por sua vez, tem a ver com o julgamento que uma pessoa faz, a partir da relação entre a probabilidade de vitimização e as taxas de criminalidade, vendo-se então como possível vítima e um ato criminoso ou ilícito.

O estudo esclarece também que, quanto ao sentimento de insegurança, uma das causas mais relevantes é o enfraquecimento estatal que, tendo afetada sua capacidade de punir a criminalidade, faz com que as transgressões das leis, normas e regras levem a fortes perturbações da ordem social, influenciando inclusive no desenvolvimento de formas estruturantes de ação e pensamento.

A pesquisa aponta ainda que a avaliação do aumento da violência gera a sensação de “medo do crime”, provocando o aumento do clamor pela segurança pública, entendida como o conjunto de ações, intervenções e medidas empreendidas pelas instituições e órgãos de segurança pública como escopo de controlar e, concomitantemente, diminuir as taxas de criminalidade e violência.

O artigo demonstrou que, por fim, os respondentes da pesquisa têm uma percepção significativa de insegurança no bairro onde moram na cidade de Goiânia, Setor Bueno, indicando que têm uma sensação elevada dos riscos de assaltos, assassinatos, estupros, roubos e outros tipos de violência que atentem contra sua integridade física e psicológica, apontando ainda que sentem alívio da sensação de insegurança quando se deparam ou percebem as forças de segurança agindo nas proximidades de suas casas e do comércio local.

## REFERÊNCIAS

- AMERIO, P. & ROCCATO, M. Psychological reactions to crime in Italy: 2002-2004. **Journal of Community Psychology**, v. 35, n. 1, p. 91-102, 2007.
- BAUMER, T. L. Testing a general model of fear of crime: data from a national sample. **Journal of Research in Crime and Delinquency**, n. 22, p. 239-255, 1985.
- BEATO FILHO, C. C.; PEIXOTO, B. T. & ANDRADE, M. V. Crime: oportunidade e vitimização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 19, n. 55, p. 73-90, 2004.
- BENNETT, T. The effectiveness of a police-initiated fear reducing strategy. **British Journal of Criminology**, v. 31, n. 1, p. 1-14, 1991.
- BORGES, D. **O medo do crime na cidade do Rio de Janeiro: uma análise sob a perspectiva das crenças de perigo**. Curitiba-PR: Appris, 2011.
- CORDNER, G. **Reducing fear of crime: strategies for police**. Office of Community Oriented Policing Services, U.S. Department of Justice, 2010
- COSTA, A. T. M. & DURANTE, M. Polícia e o medo do crime no Distrito Federal. **DADOS**, Rio de Janeiro v. 62, n. 1, p. 1-31, 2019.
- DAVIS, R. C. & HENDERSON, N. J. Willingness to report crime: the role of ethnic group membership and community efficacy. **Crime and Delinquency**, v. 49, 564-580, 2003.
- ENGEL, C. L. A violência contra a mulher. In FONTOURA, N.; REZENDE, M. & QUERINO, A. C. (Orgas.). **Beijing +20: avanços e desafios no Brasil contemporâneo**. Brasília-DF: IPEA, 2020.
- FERRARO, K. F. & LAGRANGE, R. The measurement of fear of crime. **Sociological Inquiry**, n. 57, p. 70- 101, 1987.

- FERREIRA JÚNIOR, L. D. C. B. **Reflexos do processo de ocupação, apropriação e uso do espaço intra-urbano em Goiânia: um caso do Setor Bueno**. 2007. 114 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, UnB, Brasília, Distrito Federal, 2007.
- FOWLER JUNIOR, F. J. **Pesquisa de levantamento**. Porto Alegre-RS: Penso, 2011.
- FRATTARI, N. F. **As configurações sociais do medo do crime na cidade de Goiânia**. 2013. 229 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, Universidade Brasília, UnB, Brasília, Distrito Federal, 2013.
- GAROFALO, J. & LAUB, J. The fear of crime: broadening our perspective. **Victimology**, n. 3, p. 242-253, 1978.
- GAROFALO, J. Victimization and fear of crime. **Journal of Research in Crime and Delinquency**, n. 16, p. 80-97, 1979.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo-SP: Atlas, 1987.
- GOIÁS. SECRETARIA DE ESTADO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Plano Estratégico da Secretaria de Segurança Pública - 2022-2031**. Goiânia, : 2022. Disponível em <https://www.seguranca.go.gov.br/plano-estrategico>. Acesso em out./2023.
- GOLDSTEIN, H. **Problem oriented policing**. New York: McGraw-Hill, 1990.
- GUEDES, I. M. E. S. **Sentimento de insegurança, personalidade e emoções disposicionais: que relações?** 2012. 140 f. Dissertação (Mestrado em Criminologia) – Faculdade de Direito, Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2012.
- LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. 3. ed. São Paulo-SP: Atlas, 1999.
- MELLO, D. M. Zonas do medo: variações geográficas do sentimento de (in)segurança no suplemento Vitimização e Acesso à Justiça da PNAD de 2009. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, v. 10, n. 2, p. 172-191, 2016.
- MELO, C. L. & RODRIGUES, R. L. Análise de relação entre variáveis de ocorrências de crimes da cidade do Recife – estudo de caso por meio da avaliação de dados da Secretaria de Defesa Social. **Revista de Engenharia e Pesquisa Aplicada**, v. 3, n. 3, p. 36-45, 2018.
- MINEIRO, M. Pesquisa de *Survey* e amostragem: aportes teóricos elementares. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, v. 1, n. 2, p. 284-306, 2020.
- NASCIMENTO, D. T. F. & OLIVEIRA, I. J. D. Mapeamento do processo histórico de expansão urbana do Município de Goiânia-GO. **GEOgraphia**, v. 17, n. 34, p. 141-167, 2015.
- OLIVEIRA, A. M. V. D. & PEIXOTO, E. R. Estudos de bairros: entre a arquitetura e a história. **Revista Mosaico**, n. 1, p. 59-67, 2009.

OLIVEIRA JÚNIOR, A. & ALENCAR, J. L. O. Novas polícias? Guardas municipais, isomorfismo institucional e participação no campo da segurança pública. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, v. 10, n. 2, p. 24-34, 2016.

PINANGE, L. R. C. **Setor Bueno sob uma perspectiva sustentável**: um estudo de caso. 2022. 71 f. Monografia (Especialização em Cidades, Edificações e Produtos) – Escola de Arquitetura, Departamento Tecnologia do Design, da Arquitetura e do Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2022.

PORTO, M. S. G. Brasília, uma cidade como as outras? Representações sociais e práticas de violência. **Sociedade & Estado**, n. 3, p. 797-826, 2009.

RODRIGUES, C. D. & OLIVEIRA, V. C. Medo de crime, integração social e desordem: uma análise da sensação de insegurança e do risco percebido na capital de Minas Gerais. In XII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA. Recife, 2007.

RODRIGUES, C. D. & OLIVEIRA, V. C. Medo do crime e desordem: uma análise da sensação de insegurança e do risco percebido na capital de Minas Gerais. **Teoria & Sociedade**, n. 20.2, p. 156-184, 2012.

ROUNTREE, P. W. A Reexamination of the Crime-Fear Linkage. **Journal of Research in Crime and Delinquency**, v. 35, n. 3, p. 341-372, 1998.

SAMPSON, R. J. Organized for what? Recasting theories of social (dis)organization. In WARING, E. & WEISBURD, D. (Eds.). **Crime and social organization**. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers, 2002.

SKOGAN, W. The impact of victimization on fear. **Crime & Delinquency**, v. 33, p. 1, p. 135-154, 1987

SHAW, C.; MCKAY, H. D. **Juvenile delinquency and urban areas**. Chicago: University of Chicago Press, 1942.

SILVA, B. F. A. D. & BEATO FILHO, C. C. Ecologia social do medo: avaliando a associação entre contexto de bairro e medo de crime. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 30, p. S155-S170, 2013.

TAYLOR, R. B.; GOTTFREDSON, S. D. & BROWER, S. 1984. Block crime and fear: defensible space, local social ties, and territorial functioning. **Journal of Research in Crime and Delinquency**, v. 21, n. 4, p. 303-331, 1984.

UNIÃO SOCIAL CAMILIANA. **Manual de orientações para trabalhos acadêmicos**. 3. ed. São Paulo-SP: Centro Universitário São Camilo, 2012.

VILLARREAL, A. & SILVA, B. F. A. Social cohesion, criminal victimization and perceived risk of crime in Brazilian neighborhoods. **Social Forces**, v. 84, n. 3, mar. 2006.

WARR, M. & ELLSON, C. Rethinking social reactions to crime: personal and altruistic fear in family households. **American Journal of Sociology**, v. 106, n. 3, p. 551-578, 2000.

WARR, M. Fear of victimization: why are women and the elderly more afraid? **Social Science Quarterly**, n. 65, p. 681-702, 1984.

## APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

Este questionário é uma pesquisa sobre sensação de segurança, isto é, a percepção subjetiva de pessoas ou comunidade em relação ao ato de sentir segura, protegida de ameaças, preocupações ou medo de crimes. A sensação de segurança é um fenômeno complexo e de múltiplos fatores e determinações, sendo influenciado pelos serviços policiais, tem relação com às desordens físicas (falta de iluminação, limpeza) e sociais (presença de usuários de drogas), com às experiências de vitimização; com a coesão e o engajamento da comunidade e outras implicações.

Esta pesquisa faz parte do Projeto Sensação de Segurança do Programa de Pós-Graduação do Comando da Academia de Polícia Militar de Goiás.

Contamos com sua participação em responder o questionário e com a divulgação junto aos familiares, amigos e vizinhos.

Garantimos o sigilo e a privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. Sua resposta continuará anônima.

Sua participação no estudo é voluntária. Caso não queira participar, fique à vontade.

Desde já agradecemos!!!

### \* Indica uma pergunta obrigatória

1. Moro/trabalho no Município / Bairro\*

Sim ou  área urbana

Não ou  área rural

2. Sexo\*

Masculino

Feminino

3. Idade\*

de 16 até 21 anos

de 51 a 60 anos

de 22 a 30 anos

de 61 anos acima

de 31 a 50 anos

4. Grau de escolaridade\*

Ensino fundamental completo

Ensino médio incompleto

Ensino fundamental incompleto

Ensino superior completo

Ensino médio completo

Ensino superior incompleto

5. Há quanto tempo você mora/trabalha neste bairro?\*

Até um ano.

De 1 a 3 anos.

Mais de 3 anos.

6. Com quantas pessoas você convive em casa?\*

Sozinho(a).

com 3 a 5 pessoas.

com 2 pessoas.

com mais de 5 pessoas

7. Você reside em?\*

Apartamento.

Condomínio fechado

Quitinete/casa geminada.

Chácara/sítio ou propriedade rural

8. Qual lugar que você se sente mais seguro no bairro?\*

- Em casa.  
 Na rua.  No carro.  
 No parque.  No comércio  
 No ponto de ônibus.  Nenhum.

9. Que horário você sente mais medo de crime no bairro?\*

- Manhã (06h às 12h).  Madrugada (00h às 06h).  
 Tarde (12h às 18h).  Nenhum horário  
 Noite (18h às 00h).

10. Qual o tipo de crime que você tem mais medo no bairro?\*

- Homicídio.  Furto.  
 Violência sexual/estupro.  Outros.  
 Roubo.  Nenhum

11. Você foi vítima de algum desses crimes neste último ano no bairro? \*

- Roubo.  Violência sexual  
 Furto.  Outros.  
 Agressão/lesão corporal  Nenhum.  
 Tentativa de homicídio.

12. Algum vizinho ou familiar foi vítima de crime no último ano?\*

- Sim.  
 Não.  
 Não sabe

13. Você faz participa de alguma associação, grupo de vizinhos (mesmo que por grupo de mensagens instantâneas) do bairro?\*

- Sim.  
 Não.  
 Não sabe responder.

14. Como você se informa sobre ocorrência de crimes e atos de violência no bairro ? \*

- Televisão.  
 Internet.  
 Redes sociais (whatsapp/instagram/facebook).  
 Jornal impresso.  
 Conversando com pessoas no seu bairro.  
 Nenhum

15. Sobre você se sentir seguro, leias as afirmativas e escolha a alternativa.\*

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente.	Concordo totalmente
A. Sinto seguro de andar pelas ruas durante o dia					
B. Sinto seguro de andar pelas ruas durante a noite					
C. Sinto seguro quando vejo viatura da polícia militar passar na rua de casa					
D. Sinto seguro quando vejo policiais militares em pé parados ao lado de viaturas					
E. Sinto seguro quando vejo a Polícia Militar fazendo blitz de trânsito.					
F. Sinto seguro quando vejo a Polícia Militar abordando (revistas) pessoas e veículos.					
G. Sinto seguro quando vejo a Polícia Militar abordando (parando e revistando/buscas) pessoas e veículos.					
H. Sinto seguro quando eu vejo muitas viaturas passando uma atrás da outra em comboio pelas ruas.					
I. Sinto seguro quando vejo viaturas da ROTAM, CPE, BOPE, GIRO, CHOQUE passando nas ruas					
J. Sinto seguro quando vejo as viaturas do corpo de bombeiros militares em serviço nas ruas					
K. Sinto seguro quando presencio o corpo de bombeiros em atendimento de socorro ou emergência					
L. Sinto seguro quando vejo as viaturas da polícia civil nas ruas					
M. Sinto seguro quando anuncia que policiais civis fazendo investigações de criminosos no meu bairro/cidade					
N. Sinto seguro quando vejo ações policiais nos presídios					
O. Sinto seguro quando vejo viaturas da Guarda Municipal nas ruas, nos parques e praças					
P. Sinto seguro quando passo por câmeras de monitoramento					
Q. Sinto seguro quando vejo notícias (na TV e redes sociais) de prisões e operações das forças de segurança					

pública no combate à criminalidade					
R. Sinto seguro quando estou sendo atendido pelos órgãos de segurança do Estado de Goiás					
S. Sinto Seguro no Estado de Goiás					

16. Sobre você se sentir inseguro/medo, leia as afirmativas e escolha a alternativa.\*

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente.	Concordo totalmente
A. Sinto medo/ inseguro quando vejo ou passo perto de pessoas usando drogas nas ruas/local público					
B. Sinto medo/ inseguro de pessoas estranhas ao bairro andando pelas ruas.					
C. Sinto medo/ inseguro de ver ou passar perto de pessoas embriagadas nas ruas					
D. Sinto medo/ inseguro de passar em ruas que não tem iluminação ou mal iluminadas.					
E. Sinto medo/ inseguro de ruas com lotes com mato alto.					
F. Sinto medo/inseguro de passar perto de pessoas com som alto (em veículos) nas ruas					
G. Sinto medo/inseguro de ruas e casas abandonadas ou com pichações e sinais de abandono.					
H. Sinto medo/insegurança de passar por bares e distribuidora de bebidas com pessoas na porta.					
I. Sinto medo/inseguro quando passo por ruas com entulhos, lixo e sujas.					
J. Sinto medo/ inseguro quando vejo homens passando de motos.					
K. Sinto medo/inseguro quando vejo carros parados na rua de casa com pessoas/homens dentro do veículo.					

17 Sobre a credibilidade/confiança nos órgãos de segurança pública de Goiás.\*

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
A. Eu confio nos serviços da Polícia Militar de Goiás					
B. Eu confio nos serviços da Polícia Civil					

C. Eu confio nos serviços da Polícia Técnico Científica					
D. Eu confio nos serviços do Corpo de Bombeiros					
E. Eu confio nos serviços da Polícia Penal					
F. Eu confio nos serviços do Procon.					
G. Em geral, eu confio nos serviços de Segurança pública do Estado de Goiás					

18. Sobre a satisfação com o atendimento dos serviços dos órgãos de segurança pública de Goiás.\*

	Muito insatisfeito.	Insatisfeito	Nem insatisfeito nem satisfeito.	Satisfeito.	Muito Satisfeito.
A. Sinto satisfeito pelo atendimento realizado (serviços) pela Polícia Militar de Goiás					
B. Sinto satisfeito pelo atendimento realizado (serviços) pelo Corpo de Bombeiros Militares					
C. Sinto satisfeito pelo atendimento (serviços) realizado pela Polícia Civil de Goiás					
D. Sinto satisfeito pelo atendimento (serviços) realizado pela Polícia Científica (IML, Perícias, Instituto de Criminalística)					
E. Sinto satisfeito pelo atendimento (serviços) realizado pela Polícia Penal nos presídios					
F. Sinto satisfeito pelo atendimento (serviços) realizado pelo Procon					
G. Em geral, sinto satisfeito pelo atendimento dos órgãos de segurança pública do Estado de Goiás					

19. Este espaço é destinado a você escrever o que quiser em relação a segurança pública. (Esta resposta não é obrigatória)